

# recibo07+9

traplev orçamentos - florianópolis - sc - brasil  
q u a r t o                    v o l u m e                    : : : :



montgomery | annette frick | wilhelm hein  
ana lucia vilela | charles klitzke  
aline dias | lucas ospina | newton goto  
setareh shahbazi | erro grupo | ducha

# RECIBO 07+9

Este quarto volume de **recibo** começou a ser produzido em 2007 e ficou sem ser finalizado até meados de maio de 2009, quando foi retomada a produção/edição na ocasião do 3º Ciclo de Discussão sobre Práticas Artísticas. Através da parceria com o Museu Hassis e a Fundação Cultural Badesc de Florianópolis, viabilizamos a impressão de uma centena de exemplares. A lógica dos números que representam esta edição é a do tempo de produção entre 2007 e 2009.

O primeiro conteúdo que fez surgir este volume foi a série de fotos da expedição realizada em Florianópolis com a maquete do espaço de arte *Montgomery* de Berlim. Esta maquete foi realizada para o 1º Ciclo de Discussão sobre Práticas Artísticas, organizado por Traplev Agenciamentos que foi apresentado no Museu Hassis em janeiro de 2007 com a artista Roseline Rannoch, uma das coordenadoras do espaço na Alemanha.

Para completar a primeira parte deste volume, foi traduzido do alemão o texto de Julia Pfeiffer e Roseline Rannoch coordenadoras de *Montgomery*, sobre a mostra chamada *Der Silbern Koffer (a mala de prata)*, que reuniu na sala de exposições do *Montgomery*, diversos espaços de artistas da Alemanha da década de 1980 até hoje. A proposta para esta exposição surgiu depois de realizada a maquete do *Montgomery* em Florianópolis e a idéia que norteou a exposição em Berlim foi que cada espaço de arte convidado apresentasse um “modelo” do seu espaço. Um deles foi o projeto de Martin Kippenberger chamado *Kippenbergers Büro*, coordenado em conjunto com Gisela Captain em Berlim de 1978.

Além do *Montgomery*, apresentamos mais 3 artistas da Alemanha: Setareh Shahbazi, Annette Frick e Wilhelm Hein. Wilhelm e Annette organizam a *Casa Baubou* localizada no bairro Wedding em Berlim, que apresenta ocasionalmente eventos de performance, música e poesia. Juntos produzem também a publicação *Jenseits*, que em partes é reproduzida aqui com cenas de Wilhelm levando um aquecedor até seu *studio* e um anúncio da apresentação de seus vídeos. Wilhelm Heim é pioneiro da cena underground do cinema na Alemanha, começou a filmar em 16mm na década de 1960 com colagens, assaltos e cenas criadas entre outros roteiros. Annette Frick, fotógrafa alemã de Colônia atua na Europa desde a década de 1980 e vive em Berlim onde ganhou diversos prêmios. Annette também apresenta uma série de retratos (*Porträt*) em preto e branco que vem trabalhando há alguns anos e pretende que vire um filme em breve. Setareh Shahbazi (iraniana que vive em Berlim e atualmente está de residência em Beirute no Líbano) participa com dois de seus “desenhos” preparados especialmente para esta edição de **recibo**, o primeiro mostra uma intervenção em foto de uma cidade do Líbano com arquitetura de Niemeyer e o outro um desenho mostrando uma pirâmide...

O projeto de **recibo** que desde 2002 se propõe como um meio para publicar imagens, textos, projetos e idéias para circular e evidenciar desdobramentos da produção artística de Santa Catarina e de outras regiões do Brasil, inaugura nesta edição um diálogo com a América Latina. A partir desse número, **recibo** se propõe que a cada novo volume editado, haja uma colaboração de artistas latinos, quer seja através de textos, ou mesmo dossiês de imagens e trabalhos.

Para este volume publicamos o texto (traduzido do espanhol) do artista colombiano Lucas Ospina - também editor da Revista Valdéz - que analisa a atuação do “artista como curador” em Bogotá, no texto *Os curadores selvagens*, que contribui na reflexão sobre o mesmo tema no Brasil.

Também apresentamos dois textos inéditos, um de Aline Dias e outro de Ana Lucia Vilela.

Aline Dias discorre sinceramente sobre a mentira e o roubo, descrevendo ações inquietas de fatos que escapam à cena, num objeto de retrato em descrição que também pode parecer “apenas” ficção.

Ana Lucia Vilela desenvolve uma idéia em volta de contextos econômicos e políticos. Outra proposta que se inaugura aqui e terá sequência nos próximos volumes, com convidados abordando assuntos além do circuito “arte-arte” em sentidos “a-poéticos” e “a-artísticos”.

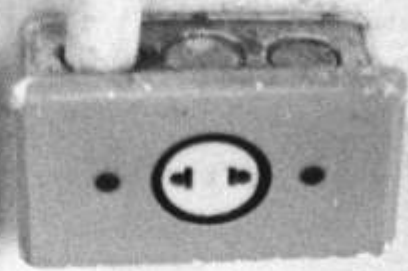
Uma frase de Ducha, artista e alpinista carioca, articula mecanismos que lidam com o campo psíquico, tensionando o íntimo com o exterior.

Com o Erro Grupo publicamos o roteiro de uma performance realizada em junho de 2009 em Florianópolis, que questionou e discutiu a teoria do manifesto de Marinetti, colocou a academia contra si mesma (!!) e evidenciou a distância real de alguns dos “intelectuais” na ilha de Santa Catarina em compreender na “prática” a produção de arte contemporânea.

Na última página de **recibo 07+9**, que desde 2006 abriga uma seção aberta para dispersão de proposições artísticas, está o trabalho do artista Charles Klitzke que disponibiliza um “lambe-lambe” para intervenção livre.

Newton Goto de Curitiba, nos apresenta duas imagens (na segunda e penúltima página) que aqui traduzem bem o “estar” (sein - em alemão) deste **recibo 07+9**, numa tentativa de conexão entre os conteúdos aqui publicados. De alguma forma **recibo** se mostra “ineficiente” para dar conta de ‘tudo’, ou pelo menos de algo que seja explicado através de um tema central. Essa “extensão” mostrada na imagem de Goto - que se volta subjetivamente a si mesma (como um “sub-ob-jeto”) - acaba proporcionando uma boa margem de reflexão para deixarmos aberto o entendimento sobre o todo que se mostra. Talvez essa possível inter-relação de energia “desviada”, descreva claramente o eixo experimental da necessidade de não se formalizar todas as coisas (...).

**Recibo** agradece aos colaboradores deste volume e reconhece neles a importância e necessidade de ativar espaços de experimentação e dispersão das práticas artísticas, quer sejam elas críticas, poéticas ou as vezes ainda políticas.









Projeto Expedições Temporárias  
“passeio com Montgomery”  
Colaboração entre Roseline Rannoch e Traplev  
Maquete, excursão, fotografia em cor, palestra.  
Ilha Santa Catarina, Florianópolis, Brasil - Museu Hassis - 2007





No dia 12/01/2007, Roseline Rannoch apresentou o trabalho do Montgomery como convidada na série de debates - Práticas Artísticas em Discussão no Museu Hassis em Florianópolis. O Montgomery se duplicou nesses dias na forma de uma maquete que saiu em expedição pela Ilha de Florianópolis em Santa Catarina no Brasil. A Excursão foi também oportuna e serviu para um diálogo sobre práticas artísticas, conceitos de exposição, curadoria e a autonomia do artista dentro do contexto de arte.

Um dos resultados desse diálogo apresenta-se aqui numa pequena contextualização sobre espaços de artista (exposição *Der Silberner Koffer*) e na documentação fotográfica da maquete do Montgomery em excursão pela ilha de Florianópolis.

[www.montgomery-berlin.de](http://www.montgomery-berlin.de)

# Montgomery



Vista geral da exposição *Evangelisch Katolisch parte VII (final)* 2007



Montgomery Berlim



Detalhe do Bar na exposicao *Der Silberne Koffer*

“Montgomery é o cavaleiro negro com uma jaqueta chique, que precisa cavalgar sobre a montanha . Seu cavalo é doente das patas, por isso andam os dois. No momento em que cavalo e cavaleiro tropeçam, eles encontram por acaso no chão, uma tija de arroz basmati. Depois de algum tempo, esses pequenos grãos se desenvolveram como minúsculos companheiros com chapéus azuis que se lançam pelos ares. Isso deu coragem aos dois andantes e eles se apressaram, pois o sol logo desce e logo nasce novamente (...). Mas Montgomery também é o primeiro nome do bisavô escocês de Roseline, que adorava caçar com falcões. Montgomery também é o nome do dono da usina atômica dos Simpsons, entre outras referências.

O espaço de exposição Montgomery foi fundado em Berlim, em setembro 2005 e desde então as artistas Julia Pfeiffer e Roseline Rannoch organizam exposições e eventos. No local também existe um bar, onde o público depois de visitar a exposição aproveita até a madrugada. Na sobreloja com duas salas banheiro e cozinha, fica o espaço de exposição e um ateliê. São organizados exposições individuais e coletivas, mas também concertos, leituras e *happenings*. As duas artistas também coordenam uma editora própria, chamada *Montgomery-Media*, que publica trabalhos em diferentes mídias, como pequenas publicações (catálogos), múltiplos e cds. (...)



# Der Silberne Koffer (A mala prateada)



Vista geral com After the Butcher e Forever and day Büro

Para a exposição *Der Silberne Koffer* foram convidados artistas que organizaram espaços de arte na Alemanha nas décadas de 1980/1990 aos dias atuais. Pedimos aos participantes/criadores desses espaços que deixassem para a exposição, uma maquete (como uma escultura), objetos ou documentações no qual se poderia demonstrar a atmosfera do espaço e o modo de trabalho na época, ou na atualidade que funciona(vam).

Para nem todos os “espaços” convidados havia um espaço real e assim a idéia do modelo de “espaço de exposição” foi entendido de maneira muito diferenciada pelos participantes: clássico - na maneira de representar um espaço tridimensionalmente - e também abstratamente, textual ou simbolicamente.

Todas essas formas de representação (as maquetes), demonstravam a idéia de como viabilizar uma meta / de que forma mostrar um trabalho. Essas definições transformaram os espaços por si só em objetos de arte, nas quais os critérios, a sensibilidade e as diferenças ficaram visíveis.

A escolha desses “espaços de exposição” foi simples, pois tínhamos o contato de alguns dos artistas que coordenaram esses lugares e de outros espaços que existem até hoje. A idéia do título da exposição *Der Silberne Koffer*, é como se os artistas viajassem através da galeria com seus espaços dentro de uma mala/mochila e demonstrasse assim, que o “ser” artista tem que carregar sua própria mala. Mesmo também quando essa mala reluz como um objeto prateado.

Com a exposição *Der Silberne Koffer* (2007) queríamos refletir sobre o contexto artístico berlinense, que tem a tradição de espaços independentes de arte, organizados por artistas. Neste contexto, reunimos aqueles que nós achamos os mais importantes da Alemanha. E com essa exposição “irrepresentável”, toleramos sem problemas a falsificação subjetiva da História e assumimos o desafio de recontá-la.

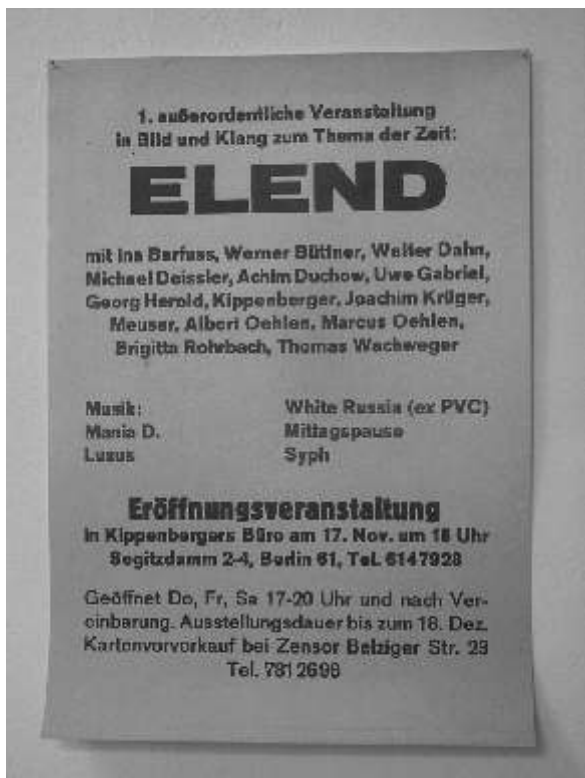
*Der Silberne Koffer* fez parte da série: *prekarisierungohwehohwehproduktionsstop*, no qual aconteceram eventos e exposições entre o verão de 2007 e primavera de 2009.

Roseline Rannoch e  
Julia Pfeifer

Tradução: Carla Meurer  
Revisão: Adriana Barreto e Roberto M.J.



Vista geral da exposição Der Silberne Koffer



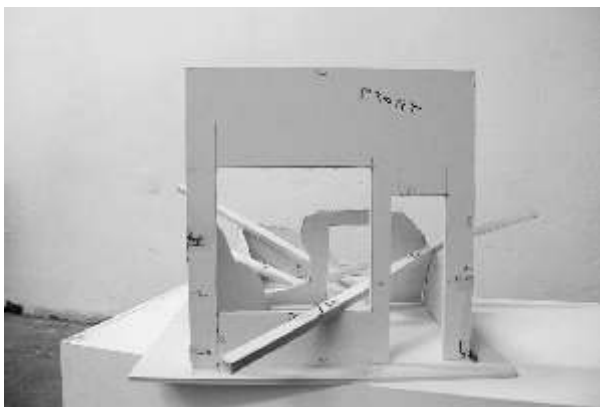
Anúncio do Kippenbergers Büro



Vista geral com Starship, Finks e Montparnasse



Vista geral com Maschenmode e Bar Ornella na janela



"modelo" do espaço Friesenwall coordenado pelo artista Stephan Dilleuth em Colônia na década de 1990



Detalhe do espaço Montparnasse de Berlim



Detalhe com maquete de Montgomery no Bar

### **Der Silberne Koffer**

Exposição: 23/09 à 03/10/2007

after the butcher, Bar Ornella, Büro Kippenberger, Favoritin, Finks, forever and a day Büro, Friesenwall, Galerie Nomadenoase, Gmür, Hafensalon, Honey Suckle Company, Maschenmode, Montgomery, Montparnasse, Oskar von Miller Strasse 16, Pudelkollektion, Starship, Visite Ma Tente

# Os curadores selvagens

Em 1987 um homem assistiu uma (só) vez a uma seção de yoga; agora, cada vez que se aborda o tema, o homem assegura praticar yoga a mais de duas décadas. Para um candidato a presidência dos Estados Unidos lhe perguntaram se havia fumado maquiagem, ele respondeu afirmativamente mas esclareceu que não havia tragado o fumo nem sentido seus efeitos. A alguém lhe perguntaram pelos melhores filmes de cinema colombianos e disse que era impossível responder porque no país, há mais diretores do que filmes.

Na Colômbia alguns artistas que tem produzido uma ou outra exposição recebem o grau de curadores e é porque em muitos casos têm conseguido realizar “provocadoras constelações de formas e idéias” que vão além dos exercícios usuais de montagem e ilustração. Mas, se isto basta para ser curador, se mudar a ficção do curador pela do artista-curador é a solução, a curadoria corre o risco de converter-se em um ato tão oportunista como o do homem que por fazer yoga uma vez se passa por aplicado praticante, tão risível como o presidente que fumou sem fumar, ou tão estéril como o do país onde há mais diretores, que filmes para cinema.

É claro que algumas das melhores exposições feitas em Bogotá nos últimos anos foram curadas por artistas:

*Fausto*, curadoria: Nadín Ospina (1993); *Manuel Hernández*, curadoria de Danilo Dueñas (1997); *Interpretación / El arte de la gente*, curadoria: Mauricio Cruz (1997); *El paisaje interpretado*, curadoria: Rafael Ortiz (1997); *Escenas de caza*, curadoria: Jaime Iregui (1998); *Histórias, escenas e intervalos*, curadoria: Juan Fernando Herrán (1999); *El soporte invisible*, curadoria: Miguel Huertas (1999); *Tránsito*, curadoria: Gustavo Zalamea (2000); *Tiempos de paz*, curadoria: Beatriz González (2004), *Carlos Rojas: una visita a sus mundos*, curadoria: Nicolás Gómez, Felipe González, Julián Serna (2008).

Um artista faz uma exposição com obras próprias ou, para o caso da curadoria, com obras alheias. Os artistas compartilham o mesmo instinto tátil de curadores, galeristas e colecionadores: tocam, manipulam e ordenam as obras. Os artistas atuam dentro da curadoria mas ao mesmo tempo não se sentem amarrados a ela por uma devoção especial, eles tem uma irreverência pela história, pela cultura e pelo mercado que tem consequências sortudas, feito suficiente de sentir-se distintos para inovar. Mas talvez com a exposição de Beatriz González, as exposições curadas por artistas tenham sido astros solitários em suas carreiras, chances ocasionais, idéias que em seu momento reclamaram uma curadoria e um formato exposição. A curadoria é mais que exposições, é o sistema circulatório da arte e se a circulação se limitar aos acontecimentos esporádicos e isolados de uns artistas-curadores, é lógico que o corpo da arte tenha um estado de saúde frágil, perto da anemia. Se somente os artistas “curam”, o paciente terminará por ficar doente.

Logo na Documenta de Kassel de 2002, um site de internet pediu a vários artistas para comentar a seguinte afirmação: “A próxima Documenta deveria ser curada por um artista” ([http://www.e-flux.com/projects/next\\_doc/cover.html](http://www.e-flux.com/projects/next_doc/cover.html)). Muitos artistas mostraram entusiasmo pela possibilidade, mas

algumas intervenções foram ascéticas e replicaram que a mudança de curador para artista era somente um jogo de palavras, útil para especular, polemizar ou sonhar, mas inútil em termos práticos. Qual artista vai ter tempo e disposição para viajar, analisar, ler as obras de outros e logo escrever uma plataforma, anunciá-la, fazer uma proposta de montagem e supervisionar em detalhe sua instalação? O artista que tenha cinco anos para dedicar-se a esse trabalho de forma consistente e comprometida já não será mais um artista, será um curador, assim como o que faz yoga, dia a dia, depois de um tempo será um assíduo praticante, o que fuma maquiagem, dia a dia, será um consumidor dependente ou o que dia a dia se dedica a um filme, correrá o risco de converter-se em um verdadeiro diretor de cinema.

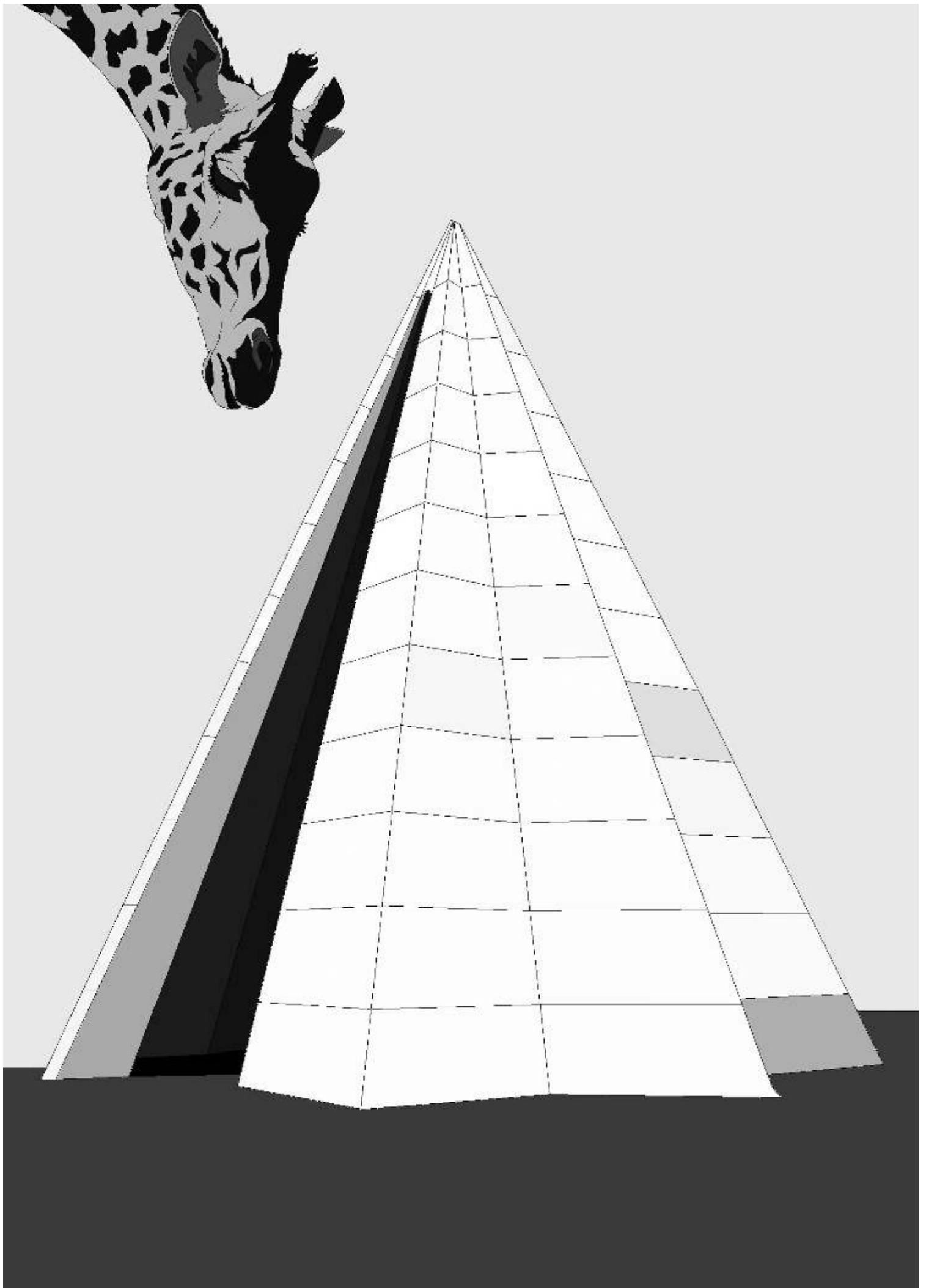
A curadoria é uma prática constante, uma disciplina, um exercício concreto. Assim como a prática da crítica permite todo tipo de circunlóquios e tons narrativos, que vão desde a análise metódica até a injúria, a curadoria também pode transvertir-se com todo tipo de roupagens, mas dia a dia há mais artistas, mais exposições, mais investigações e a responsabilidade de encontrar e resgatar entre essas inúmeras aparências as poucas exeções que dão sentido a arte, é cada vez maior. A curadoria deve estar em capacidade de suportar, reconhecer, acentuar e mostrar essas novidades. O tal trabalho de observação não espera uma tarefa breve: necessita de um aparato crítico de igual ou maior envergadura que o do objeto de estudo e se quer ganhar-se o crédito de curadoria, terá que ver, traduzir, articular e fazer público o que outros fazem.

O trabalho dos artistas-curadores têm limites, o mesmo se pode dizer da atividade que desempenham toda uma série de antropólogos, gestores culturais, designers e historiadores que atuam como curadores e que apesar de ter uma atividade contínua apaixonada e versátil, oferecem resultados pouco consistentes em suas “investigações” (ao menos para imaginar a arte, como nos negócios, nos estudos culturais, na gestão, no design e na história seus serviços visuais e conceituais seguem sendo desejados).

Se por um semestre de introdução a medicina não se pode produzir senão praticantes assassinos, graduar os artistas de curadores não é o caminho. Necessitam-se curadores, nada mais nem nada menos.

Lucas Ospina

Tradução: Roberto M.J.





# ERRO GRUPO

## 2o. Bloomsburied - Leilão de Performances e Intervenções Urbanas

*O ERRO leiloa 05 performances e intervenções urbanas. Utilizando diversos martelos. Cinco tipos de martelos, sem apoio específico para bater, criando seus próprios apoios. Livrando-se das convenções para expor o mercado da arte. Os jogos e os leiloeiros são espontâneos, mas de acordo com a reação dos consumidores em potencial.*

Sejam bem vindos ao 2º Leilão Bloomsburied.

Estas são as regras. Este leilão acontece nos padrões que aqui convencionamos. Estaremos leiloando 05 lotes de performances realizadas pelo ERRO GRUPO, estas performances estarão sendo realizadas hoje aqui neste espaço, EFETIVAMENTE, perante o pagamento em REAIS, do valor alcançado para cada lote, a partir do valor mínimo, com o último lance ofertado. Isto não é um Roubo!!! Para movimentarmos um pouco esta noite com alguns procedimentos em arte contemporânea, contamos com um pouco de vossa disposição. Cada um de nós do Erro fornecerá maiores informações sobre cada lote/performance/proposição leiloada.

E aqui estão os lotes leiloados:

### 1 Título: Inserções em Circuitos Ideológicos: Projeto Cédula

Nestes anos de censura, medo, e silêncio, que se seguiram à promulgação do AI-5, essa performance se destaca por sua proposta política e socialmente crítica, através desse trabalho com um carimbo em notas de um ou mais reais: Quem matou Herzog?. O objeto, será retirado do seu contexto, suplementado por uma proposição e reconduzido outra vez ao seu lugar originário. Esse Projeto Cédula, convida a quem quiser, a deixar essa pergunta no dinheiro. Para isso utilizará esse carimbo para inscrever nas cédulas a frase: Quem matou Herzog? Como quem começa uma corrente ou joga ao mar uma mensagem numa garrafa, daremos início a um processo de comunicação aberto cuja extensão desconhecia e cujos alcances fugirão de qualquer intento de controle. O público é o destinatário, mas também é o agente dessas inserções que propiciarão a colaboração de todos para manter um fluxo de contra-informação no circuito ideológico. Uma mensagem explícita, ainda que anônima, da visão da arte enquanto meio de democratização da informação e da sociedade. Motivo pelo qual deixamos que a reprodução dessa peça seja livre e aberta a toda e qualquer pessoa, para ressaltar a problemática do direito privado, do mercado e da elitização da arte.

Lance inicial: R\$ 15,00.

### 2 Título: Passeio por Dublin

Sinopse: A intervenção Passeio por Dublin busca paisagens imaginárias através do deslocamento e sugestão a outras possibilidades de visão.

Em forma de um passeio turístico o público é estimulado a imaginar-se em outro local, ou imaginar como poderia ser outro lugar esse mesmo local. Exercitando a visão do público sobre a cidade em que habitam. A gravação narra um passeio pelas ruas do centro de Dublin.

Apontando ruas e prédios. Esquinas e bares. O público é induzido a contrapor as imagens sugeridas pelo áudio com as das ruas, ao acaso.

As coisas dependem muito mais do que nós vemos delas do que o que elas realmente são. O poder de construir realidades, outras formas de viver, é o que há de mais

ameaçador para as instituições que se apóiam na retórica da “verdade” sejam elas comerciais, religiosas ou familiares.

Na busca pela felicidade de viver, o homem deve aprender a re-criar paisagens, a esquecer palavras, a re-organizar seu linguajar, a estar aberto a possíveis desvios.

Lance inicial: R\$ 20,00.

### 3 Título: Choice 18

Usamos espelhos para que o público olhe para si mesmo. Essa performance permite reflexões sobre suas próprias imagens. Ao nos apropriarmos da imagem do público aqui presente, trabalhamos não apenas com a ideia contemporânea do público como co-autor da obra, mas também com o acaso e com a identidade. Todas essas características que se alinham a uma busca contemporânea. O espelho reflete além da figura a sua alma que só você pode enxergá-la. Detalhe: Não adianta odiá-lo. Ele reflete exatamente o que você é. O espelho reflete certo; não erra porque não pensa. Pensar é essencialmente errar. Errar é essencialmente estar cego e surdo. Com esta performance o público poderá participar de uma ação única que jamais poderá ser reproduzida em seus detalhes, reforçando a individualidade de cada pessoa, local e postura.

Lance inicial: R\$ 30,00

### 4 Título: Eu faço o que você deseja, mas não faria.

Pichação de qualquer caráter, político ou amoroso, ou os dois. Pichação, ato de rabiscar ou apenas sujar um patrimônio público ou privado com inscrições feitas com a nossa tinta em spray preta.

Quando realizado em locais proibidos, adquire caráter transgressivo. Você poderá adquirir sua pichação em forma de frases de protesto, assinaturas pessoais e até declarações de amor. A pichação também poderá ser utilizada como forma de insulto à outra pessoa ou lugar. A pichação será realizada hoje à noite, longe da visão das pessoas.

Temos opções em nosso catálogo, para aqueles que quiserem adquirir a performance porém estão órfãs de motes. Frases como Eduardo Enganador, Socialismo Já, Viva la Revolución, Cristina Eu te amo, Enfim um Líder, Viva em Marte, Brizola, Anarquia, Estudante e professor fazem história juntos, O amor é importante porra, Ulisses não morreu, entre outras. Se você tem vontade de pichar aquela frase que te acompanha a anos, escrever seu nome ou até mesmo insultar alguém, esta performance será o melhor investimento.

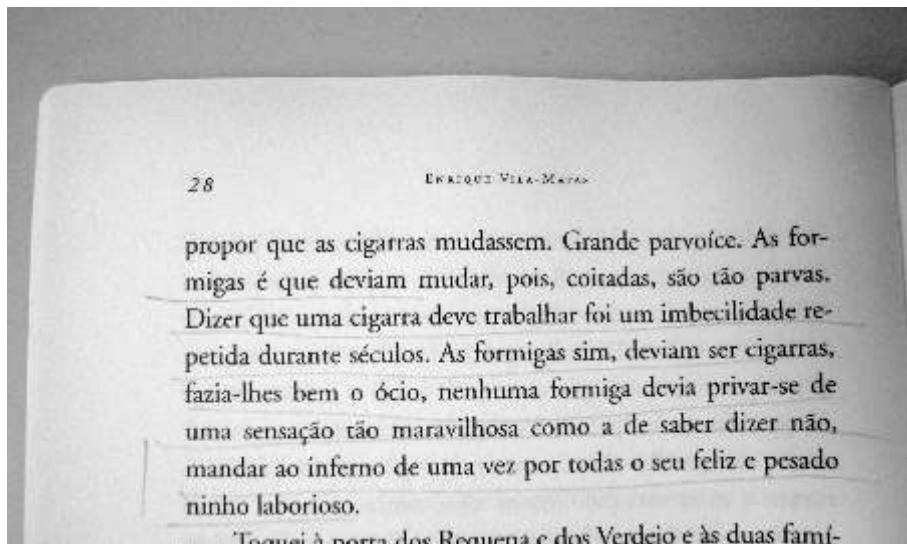
Lance inicial: R\$ 50,00

### 5- Título: Roubo Ação sobre o mesmo.

Esta performance une estilos e estratégias que se desenvolvem na realidade gestual, espacial e moral dos performers. Através de movimentos coordenados, obscuros e harmoniosos, o corpo de todos do grupo vira arma e meio de comunicação. A ação é um roubo criado e executado pelo ERRO nesta galeria. O roubo de algum objeto de valor presente aqui foi desenvolvido para tratar-se de um estilo de vida a linguagem da própria ação.

Lance Inicial: R\$ 50,00

**NINGUÉM TEM CULPA DA TUA DOR**



## sobre mentir, sobre roubar

Não é bem mentir, mas pensar que somos feitos de referências, indiferença e fios invisíveis como os da aranha.

quem rouba, diz deleuze, não troca nem mistura, mas realiza uma dupla captura, um encontro entre duas coisas e fora das duas coisas. não há método para um encontro, ele se faz de achar, capturar, roubar. nada além de uma longa preparação. ele diz que roubar é o contrário de reconhecer, de plagiar, de copiar, de imitar, de fazer como. o contrário de regular e julgar, que não se faz como diálogo mas como conspiração e choque. (eu queria falar mais de roubar e de deleuze mas seria preciso localizar e reler o texto, e no momento minha casa vive um estado terminal de reforma que é impossível achar a maioria das coisas).

de qualquer forma, penso roubar e mentir como forma de assimilar a transformação das coisas e a impossibilidade de demarcar fronteiras precisas entre nós e os outros, entre nossas histórias e mentiras pessoais e uma história-história das coisas. como forma de perceber que as coisas se transformam em nós e que é dessa forma que podemos produzir imagens, com as coisas que encontramos à nossa volta e as mentiras todas que pudermos suportar e alimentar.

adília lopes diz que a compra de um elástico e quatro grampos para amarrar o cabelo em rabo de cavalo motiva o poema, que é autobiográfico à sua maneira. ela ainda diz que vê a sua poesia como se não fosse sua, e que conviver é pôr a vida em comum. com os outros escritores é que se começa a escrever, é com eles e por eles que se continua a escrever e a ler. dizer bom-dia, não é da nossa autoria nem estamos citando ninguém.

quero dizer dessa forma que o mundo não é meu, não me pertence, mas preciso apreender e roubar alguns pedaços. e é difícil dizer o que é meu e o que não é, é difícil dizer onde sou eu e onde não sou. vejo meu trabalho como se não fosse meu e preciso mentir um pouco, sempre. dizer as coisas é onde elas começam a morrer, eu pensava, mas a emily dickinson acha que é, na verdade, onde elas começam. ela se recusava a sair de casa, levava uma vida reservada, hoje considerada dissonante. adília lopes também diz que não quer viajar, mas arrumar a casa. vila-matas diz que está na estrada perdida e sem sair de casa. isso eles dizem, diz de mim e me inquieta.

digo tudo isso porque acredito que o cotidiano é importante e que em qualquer texto se confundem as referências, as mentiras, os pequenos roubos e a matéria mais banal do dia-a-dia. e porque acho muito irônico começar o texto com uma fotografia de um trecho de um livro sublinhado falando sobre o trabalho e o ócio. porque eu sei que isso fala de começar a trabalhar na próxima segunda-feira jornadas diárias de 8h. e porque eu também sei que costumo me esforçar muito para não errar, para não fracassar e costumo trabalhar muito. como adília não quero errar num poema, apesar de saber que é uma influência muito negativa ser educada na idéia do trabalho como única felicidade possível e de que só uma tarefa bem feita pode justificar-nos diante da morte e que toda vitória é uma grosseria. e porque acredito que a escrita é a única possibilidade de transformar a vida, que é uma doença da matéria, e que é preciso perceber que somos todos uns inúteis, que a vida também é inútil. e que como todo mundo, sei que a felicidade cansa e tenho inveja de quem bate a porta. (quem dizia isso era a personagem do filme, não era eu).

nota: o texto é um retrato meu, tem uma fotografia de um texto, tem os três livros que leio nesta semana (a revista de poesia inimigo rumor, com entrevista da adília lopes, um livro de poemas da emily dickinson e filhos sem filhos do enrique vila-matas). tento dar conta do que a julia me disse no telefone, explicando que o editorial falava de retrato, representação e ficção. e também do que me pediu o rô, para manter espaços vazios na página.





Setareh Shahbazi

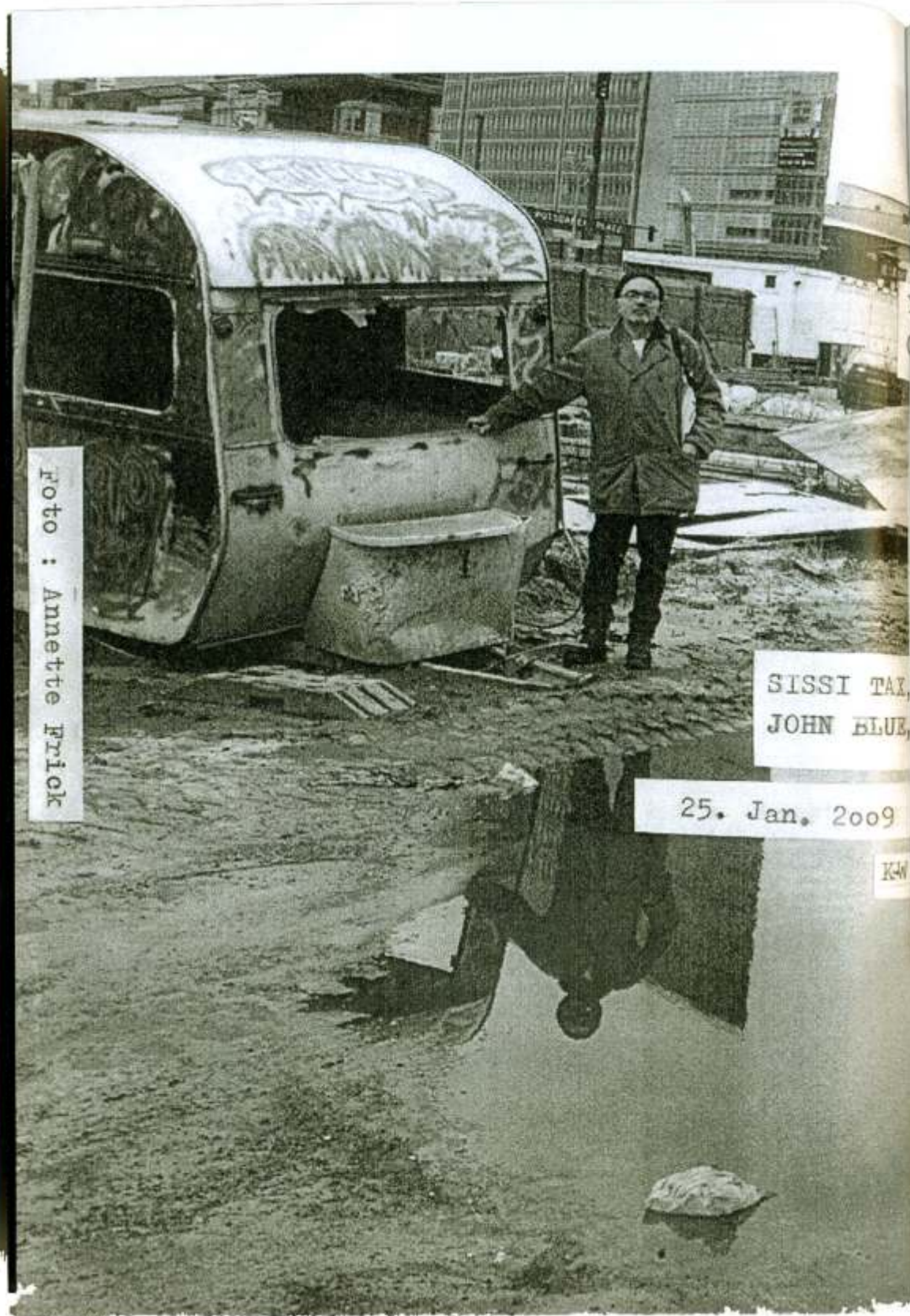


Foto : Annette Frick

SISSI TAX,  
JOHN BLUE,

25. Jan. 2009

KW

reprodução de algumas das páginas da publicação:  
JENSEITS DER TRAMPELPFADE - HEFT 8 (caderno 8)  
editores: Wilhelm Hein e Annette Frick  
Berlim, fevereiro 2009





WILHELM HEIN

YOU KILLED THE UNDERGROUND FILM OR THE REAL MEANING  
OF KUNST BLEIBT...BLEIBT...

EXPANDED CINEMA VERSION 2009

MIT GÄSTEN

MAD ANGUS, VAGINAL DAVIS, TIM BLUE, ANNETTE FRICK,  
JUWELIA, ZSAZSA PUPPENGESICHT, TINA DIE GÖTTLICHE

19 Uhr

- INSTITUT FOR CONTEMPORARY ART

Auguststrasse 69



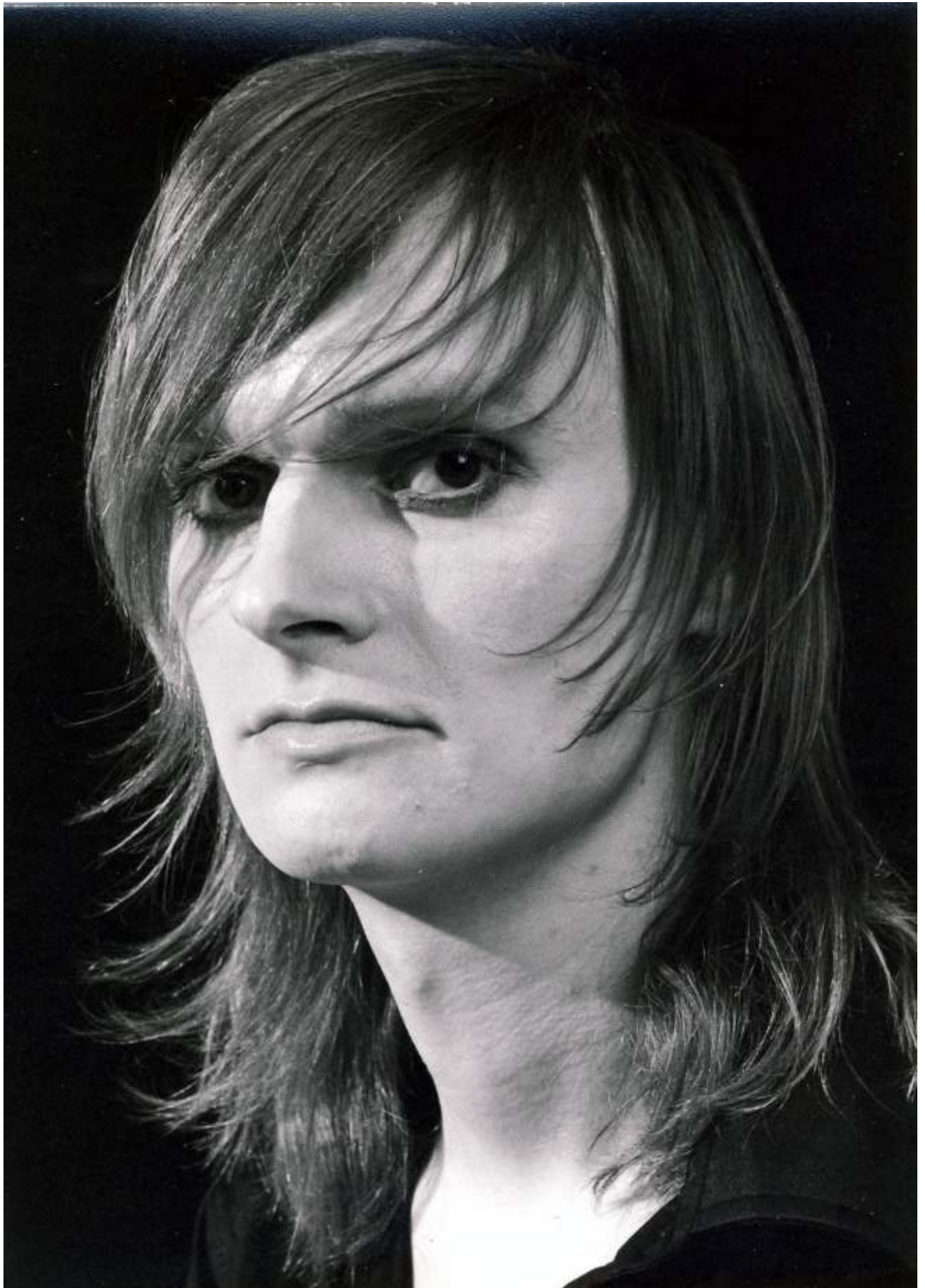


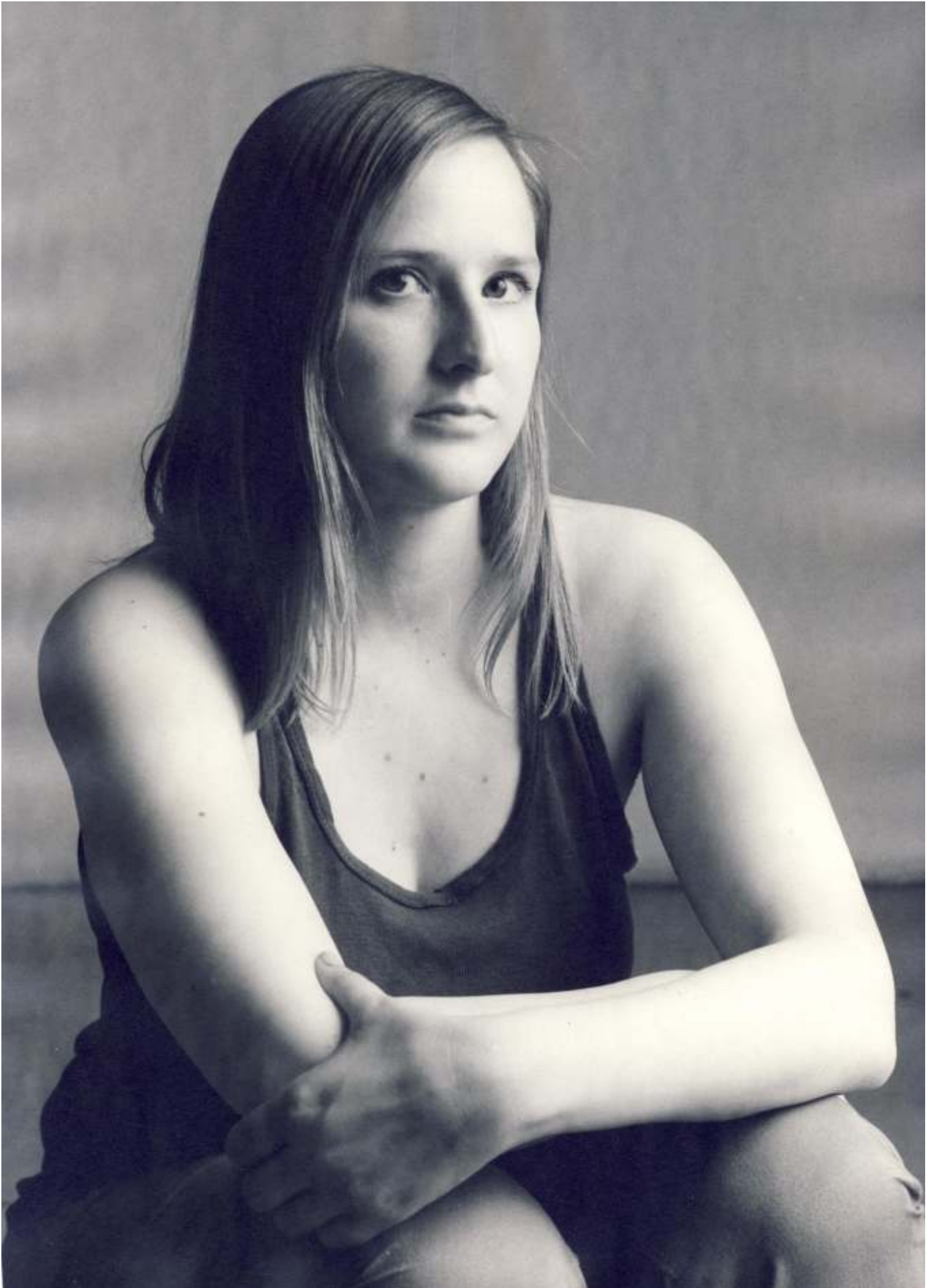




Annette Frick - *Portraits/Retratos* -2008/2009











# nulo

ana lucia vilela

Eram sempre grandes os espaços amplidão que eu admirava nela mais que tudo - entre os pés ligeiros. Desta vez entrou em casa com uma passada curta como se sob a sola dos pés, quanto maior o ângulo entre as pernas, maior a ameaça da insinuação de uma fissura ávida por abismo. Os pés evitavam distância do chão como que para evitar que lhe fugisse num repente temeroso. Perguntou-me como foi o dia num tom ríspido e dissimulado que conheço da eternidade, mas numa veemência trêmula e nervosa que eu ignorava.

\*\*\*

Algumas horas atrás, diante de milhares de câmeras e olhares, fiz importantíssima e inaudita declaração:

Na condição de presidente do Banco Central desta brava nação declaro que, a despeito de nossos hercúleos esforços, à moeda deste país o mercado atribuiu, persistentemente e durante meses, valor nulo. Como se tornou inescapável para as autoridades financeiras, diante da constatação de fato tão constrangedor, não podemos mais fugir desta realidade, não podemos mais recalcar esse fato. Meu dever para com esta pátria de gentes diversas e coração uno é o de não recalcitrar e acatar, mesmo que com pesares alargados, que esse agente de origem praticamente natural, o mercado, anulou o valor de nossa moeda. Qualquer nota, qualquer moeda que leva nossos símbolos patrícios, as faces de nossos heróis e as correspondentes certificações de autenticidade valem, qualquer que seja o número nelas gravado, um insistente nada. Lutamos agora, com o coração febril, para que uma anulação não signifique, em decorrência, outra, muito mais importante e vital, a desagregação dos nossos - se é que ainda se pode usar esta palavra valorosos laços de cidadania e nacionalidade, porque estes, meus caros compatriotas e concidadãos, devem ser mais renitentes e robustos que aqueles que ligam uma mãe a seus filhos.

A moeda, este artifício, este fetiche que o homem com seu engenho, astúcia e arte, forjou e aperfeiçoou ao longo dos séculos, para facilitar as trocas dos produtos de árduo trabalho, como que por uma catástrofe natural ou gesto divino, chega agora ao seu valor mais misterioso. Sim porque, valendo zero, a moeda - este objeto que beira, ele

mesmo, em suas características sensíveis (um pedaço de papel apenas) a quase nada, com a qual se contava o valor de todas as coisas, animadas e inanimadas, materiais ou imateriais, humanas ou não - anula o valor de todas as outras coisas. Desta feita, qualquer coisa, ser ou até mesmo evento, vale zero, vale nada. O futuro que temos a frente contém alto grau de indeterminação.

\*\*\*

Desviando o olhar, rapidamente, respondi, difícil, e como foi o seu? Não pôde responder. Ela me fixou o olhar, vazio e ao mesmo tempo tenso, por um instante disposto a eternidade. Tomou um fôlego exasperadamente longo como se fosse, dizer muitas coisas, pôr todas as vibrações do corpo em verbo, falar tudo, mas não alcançou; as palavras entupindo-lhe as veias e pulmões sem saída nem ordem deixaram seu rosto vermelho do sangue. E tentando ser rápida, mas embaralhando os pés, fugiu da minha inquietante presença.

\*\*\*

Dias depois, um envelope branco deslizou sob a porta: Nem sei como começar, é um turbilhão, como se todas as coisas, os pensamentos se escapassem de sua ordem normal. Minha mágoa é tanta. Minha dor é tanta. Esses dias todos a cada segundo tentei reencontrar o nexo da pessoa que conheci, aquela que amo profundamente e esta que anunciou e ao anunciar produziu uma desordem tal. Minha arte, aquela que você tanto admirava, aquela que nos aproximou dois mundos tão diferentes, mundos que quase se repeliam de tanta incompatibilidade. Mas seu amor à arte, achei que esse era o estatuto de nosso vínculo que eu, ingênua, achava inquebrantável. Seu amor à arte. E agora você, que anuncia o valor nulo de toda moeda, não anula também nosso amor, não torna também vazia a minha arte? Que você tivesse amantes, fizesse orgias, quisesse experimentar vários mundos alucinados das drogas, isso eu lhe perdoaria. Que você me cuspsse na cara, conspurcasse nosso leito com os mais sádicos caprichos, me cagasse o corpo para satisfazer vis prazeres, isso eu lhe perdoaria. Que você cafetinasse nossos filhos, isso talvez eu lhe perdoaria. Mas anular o valor da minha arte, como pôde? Sim, porque depois de sua declaração todas as coisas perderam suas equivalências. Como pôde? Não entendo.

Você era lindo, com tanta posição, tanto poder, uma pessoa humilde e tão culta. Nossas viagens à Índia em busca de um mundo de paz, um mundo sem convulsões. Mas eu não havia percebido arrogância encoberta por manto tão bem ajustado, tão perfeito

de retidão, de quietude interior. Mas eu não havia percebido o mal que se insinuava em cada gesto seu que só agora, retroativamente, sou capaz de detectar. Toda a imagem que fazia de você, nossos momentos felizes, nossa completude, tudo agora ficou contaminado por um ato apenas. Mas vejo agora, meu engano se ilumina e faz ver que seu discurso Escola de Chicago pleno das certezas das suas estratégias era um sinal que ignorei. É mexer aqui apenas uns decimais no câmbio, na expedição das moedas, o mundo inteiro aos seus pés, não é? É disso que você gosta é isso que você quer. Todo o mundo submisso aos seus caprichos, às suas planilhas, aos cálculos da sua infâmia máquina.

Eu fiquei afásica por muito tempo, como se, ao anular o valor da moeda você houvesse anulado também toda a ordem que uma sintaxe necessita. E não é isso mesmo? Minha arte agora se equivale a qualquer coisa, foi diluída inteiramente no burburinho do caos da vida, de uma vida sem valor, sem valores. Você premeditou? Você viu as conseqüências da anulação da diferença de todas as coisas, bem e mal, verdade, mentira, amor, ódio. Como agora podemos valorar as coisas, as ações, as pessoas? Você me tornou nada. Pior, tornou nula toda a minha arte. Nunca o perdoarei.

\*\*\*

Tempos depois, no mesmo tipo de envelope, respondi: Meu amor é tanto, minha dor é tanta. Você não compreendeu nada? Sou apenas um servo, meu maior desejo o de completa anulação no dever. Minha posição tem apenas a aparência de poder. Você se enganou quanto ao luxo em que vivíamos, nossas viagens. Nossa paz vinha da minha servidão. Sirvo a um deus caprichoso e cheio de artimanhas. A declaração, com tão vastas conseqüências, não foi um capricho meu, muito menos minha vontade e premeditação. Era inescapável. Eu não escolhi, apenas e como sempre, fui instrumento.

E nossos mundos não eram nada estranhos, muito menos incompatíveis, como você pensa, eram complementares. Meu cálculo e sua arte se aproximaram não porque nosso amor unia formas tão díspares de existência. Justo o contrário, nosso amor era essa complementaridade. Você nunca percebeu? Sua arte agora se equivale a qualquer coisa, é verdade. Uma moeda apagada que as pessoas passam, caladas, umas às outras. Também as binariedades se dissipam e o julgamento torna-se dificultoso porque nosso julgamento se baseava em valores. Valores partilhados. Como eu, apenas com a pronúncia dessa nulificação, pude pôr tudo abaixo? Não seria esse nada, então, a matéria silenciosa de nossa existência?







recibo está buscando incentivo e recursos para não continuar invisível  
negociações: trplv5@yahoo.com.br

**recibo07+9** | quarto volume ::: | edição e projeto gráfico: traplev | conselho editorial e revisão: julia amaral e roseline rannoch (produção em berlin) | capa: expedição temporária com montgomery - roseline rannoch e traplev | desenhos: charles klitzke | tradução e revisão do texto sobre o montgomery do alemão/português: carla meurer, adriana barreto | tradução do texto “os curadores selvagens” do espanhol/português: roberto m.j | | recibo agradece aos convidados na colaboração ao disponibilizar gentilmente o material publicado nesta edição | | agradecimento especial a Residência Mezanino no Rio Tavares que possibilitou o período de finalização deste recibo em suas depêndencias | | Este quarto volume tem apoio da Fundação Cultural Badesc e Museu Hassis para a impressão em edição limitada.

Impressão 1/1 laser | composto em Trebuchet MS e AlternateGotich2BT | 30 páginas | *edição limitada de um pouco mais de 100 exemplares em duas vezes e meia* | agosto 2009 | contato: recibo0@gmail.com | <http://traplev.multiply.com>



:apoio:



